

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO
GRUPO DOS AMIGOS DE LISBOA

ANO XVIII - N.º 69



JANEIRO DE 1955

Teodoro Lopes Ramos

O mais antigo fabricante de
Lanternas estilo D. João V, Renas-
cença, Pombalino, D. Maria I, etc.



Fornecedor de
L A N T E R N A S

*para o Ministério O. P., Palácio de Queluz, Pousadas
de Turismo, SNI, Palácios e Solares Portugueses, etc.*

119 - Rua do Diário de Notícias - 119
(Esquina da Travessa da Queimada)
L I S B O A

OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

PÉROLA DO ROSSIO

L I M I T A D A

CASA ESPECIALIZADA EM CHÁ, CAFÉ,
BOLACHAS, BOMBONS E CHOCOLATES

Tel. 20744

Rossio, 105

LISBOA

ENVIO DE ENCOMENDAS, PARA
TODO O PAIS E ESTRANGEIRO

Companhia Nacional de Navegação

A MAIS ANTIGA E MAIOR
EMPRESA ARMADORA PORTUGUESA
DAS CARREIRAS DE ÁFRICA

Sede

Rua do Comércio, 85
LISBOA

Sucursal

Rua Infante D. Henrique, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique» ... 13.220 Ton.	«Índia» 11.400 Ton.	«S. Thomé» 12.550 Ton.
«Angola» 18.250 »	«Timor» 11.400 »	«Nacala» 5.130 »
«Quanza» 11.550 »	«Save» 2.680 »	«Tagus» 2.320 »
«Luabo» 3.030 »	«Sofala» 18.520 »	«Agachote» 1.950 »
«Zambézia» 3.538 »	«Moçâmedes» 12.990 »	<i>Em construção</i>
«Lúrio» 3.538 »	«Rovuma» 12.990 »	«Niassa» 10.000 Ton. D. W.

**AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS
E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO**

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Fotogravura -- Fitolito

Desenho -- Tipografia

Telefs. 2 13 68 e 2 12 27
Travessa Condessa do Rio, 27

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS
PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

CASA AFRICANA

PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS

ON PARLE
FRANÇAIS

ENGLISH
SPOKEN

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvária, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

PAPELARIA
CAMÕES

DE
**Augusto Rodrigues & Brito
Limitada**

•
Secções de *Tipografia, Encadernação e Pautação.*
Trabalhos simples e de luxo.

Pincéis, telas e tintas de óleo, para aquarela, desenho e guaches das marcas: Lefranc, Windsor, Pelikan e Schmincke

•
Telefone 2 30 63
42, *Praça Luís de Camões*, 43
LISBOA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições de

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 31730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

Simões & C.^a, Limitada

Avenida Gomes Pereira — Benfica
Fundada em 1907

Telefones
780135 (2 lin.)
Telegramas
MALHAS



Códigos
ABC-5.ª Edição
RIBEIRO

Marca Registrada

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País. Fabricação de meias, piúgas, camisolas e roupa de malha para homens, senhoras e crianças, em algodão, lã e seda.

Criadora da bem conhecida e acreditada meia
NYLON "SUPREMA"
e das roupas
"SUPREMA"

Amigos de Lisboa:

Prefiram para os vossos
contratos a conhecida Com-
panhia Inglesa de Seguros

LEGAL & GENERAL

QUE REPRESENTA
UMA GARANTIA DE

**200 MILHÕES
DE LIBRAS**

Rua da Madalena, 80-1.º — LISBOA

SE QUERE A MELHOR...



EXIJA

LUNIAA *fluor*
FABRICAÇÃO FRANCESA
LICENÇA SYLVANIA

OS

«AMIGOS DE LISBOA»

preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma
COMPANHIA DE SEGUROS
que honra Lisboa

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

•
**TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS**

**CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÃO
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS,
ETC., ETC.**

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

A' venda nas Livrarias:

**GENTE
QUE
PASSA**

Crónicas por
FOLGADO DA SILVEIRA

•
DEPOSITARIO

José Francisco d'Oliveira
Praça da Figueira, 5-1.º, E.
Telefone 29635
LISBOA

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

•

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

*Há já seis gerações que
os lisboetas as apreciam*

● Largo do Chiado, 18 — LISBOA

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA GARRETT • Rua Garrett, 36 — LISBOA

ANGELO G. RAMALHEIRA

ENGENHEIRO CIVIL

Construções
Projectos de Estabilidade
Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. — Tel. 49313
LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º — Tel. 26251
PORTO

Oferta

27. JUL. 1983

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XVIII

JANEIRO DE 1955

NÚMERO 69

Director: MATOS SEQUEIRA

Editor: Francisco Valença Edição e Propriedade do Grupo dos Amigos de Lisboa

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 257 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita

SUMÁRIO



DISCURSO do Secretário-Geral do Grupo dos Amigos de Lisboa, Sr. Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, no acto de posse de Vereador da Câmara Municipal de Lisboa em 2 de Janeiro de 1955	3
ENTREVISTA COM MATOS SEQUEIRA por <i>Hugo Raposo</i>	7
LOCUÇÃO DO GUIA na Romagem de Peregrinação, evocadora das "Viagens na Minha Terra", contributo do Grupo dos Amigos de Lisboa às Comemorações Garretteanas pelo Capitão <i>Júlio da Costa Pinto</i>	17
UMA TOIRADA EM PEDROIÇOS EM 1873 por <i>Gilberto Monteiro</i>	24
FEIRA DA LADRA	27
ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado	32
ACÇÃO CULTURAL durante o ano de 1954... ..	37
CAPA : O AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES, desenho de <i>José Espinho</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLYMPIA

DISCURSO

do Secretário-Geral do Grupo dos Amigos de Lisboa, Sr. Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, no acto de posse de Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, em 2 de Janeiro de 1955

Os nossos prezados Consócios Srs. Américo Lopes, Dr. Paulo de Cantos e José Francisco d'Oliveira, oficiaram à Junta Directiva do Grupo sugerindo que o discurso do Sr. Dr. Eduardo Neves, pronunciado na primeira reunião da actual Vereação da C. M. L. fosse transcrito neste Boletim.

Na verdade, esse discurso, quer pela sua substância de alto sentido lisiponense, quer ainda pelo facto de haver sido proferido por quem, além de Vereador ilustre é também Secretário-Geral desta agremiação, merece ser arquivado nas páginas deste Boletim, pelo que a Direcção — apenas com a abstenção do interessado — resolveu associar-se prontamente e calorosamente à solicitação acima citada.

O DISCURSO

SENHOR PRESIDENTE

As minhas primeiras palavras nestes Paços do Concelho de Lisboa, minha terra, serão de saudação enternecida e respeitosa à terra onde nasci, e faço-o gostosamente na pessoa de V. Ex.^a que há anos, tão bem, tão eficiente e criteriosamente tem administrado esta cidade e com tanto apurmo tem presidido à sua vereação a que ora me honra de pertencer.

Saúdo, por isso, também o homem que tão devotadamente se tem entregue à tarefa ingente de servir Lisboa, gerindo o seu município.

Não devo esquecer nestas primeiras saudações, o senhor Vice-Presidente, olisipógrafo illustre e filho dilecto desta terra, que também tanto lhe deve.

Saúdo igualmente V. Ex.^{as}, meus excelentíssimos colegas, com quem vou servir no quadriénio para que fomos eleitos; e particularmente o senhor Vereador Anibal David, reeleito da vereação anterior, a quem endereço os meus cumprimentos, como aliás já fiz na sessão preparatória ontem realizada, vereação que bem honrou as cadeiras municipais, e lhe agradeço as suas saudações.

Bem contra o meu hábito e vontade, há que falar de mim.

Tendo, vai para cerca de vinte anos, fundado com outros, particularmente o nosso Vice-Presidente, os «Amigos de Lisboa», agremiação cultural que, como todos sabem, desinteressadamente pugna, defende e estuda Lisboa em todos os seus aspectos e facetas e tem publicado — só a suas expensas — 68 números do seu boletim *Olisipo*, era há tempos de opinião e disso me fiz éco, que tal agremiação cultural, merecia ter interferência na eleição municipal, como os Grémios, Sindicatos, e outras agremiações culturais.

Quem de direito, julgou que não sendo tal, legalmente possível, devia, um dos seus membros, fazer parte da vereação. Exultei, mas com o concenso de Vossa Excelência Senhor Presidente resolveu-se que assim fôsse, sendo porém eu o escolhido.

Só lamento, que a escolha não tivesse recaído em quem possuísse mais méritos, embora reconheça que nos últimos tempos, tenho sido eu o mais em evidência e o mais responsável dos «Amigos de Lisboa» na sua actuação.

Embora, aqui como lá, o lema seja o mesmo — A Bem de Lisboa — mau grado os meus deméritos, como já jurei, prometo servir a terra onde nasci, onde tenho vivido, onde me formei e onde há trinta e cinco anos exerço a minha profissão, com todas as possibilidades que fôr dado aos meus fracos préstimos e ao meu grande desejo de bem servir.

E... devo dizê-lo, não foi sem emoção que subi estas escadas e me sentei nesta cadeira, pois não só viemos suceder a uma pleiade de — Homens Bons — que aqui têm estado, como é lugar que agrada a quem como nós, muito ama a nossa terra.

Quero até, neste meu primeiro contacto com a Administração Muni-

cipal, dar nota da minha maneira de ser e a norma da minha actuação futura.

E por isso me permito pedir licença para fazer algumas sugestões e reparos.

E com eles, viso prestigiar a profissão que exerço e de que muito me honro, servir as ideias literárias e científicas a que me tenho dedicado, e fazer-me éco dos anseios e opiniões que tenho expendido nas agremiações culturais lisboetas a que pertenço ou tenho dirigido, os «Amigos», os «Arqueólogos» e a «Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa».

Terei a preocupação de ser justo e imparcial e tomarei a peito o jus que tem de ser servida uma classe, a que pertenço, o peão que circula nas ruas e o lisboeta que usa os transportes em comum.

Em qualquer dos casos não perderei de vista o bom senso e a equidade, exigindo respeito mas começando por respeitar os direitos e as pessoas dos outros.

— No rescaldo do Centenário de Almeida Garrett, ouvi falar na venda do prédio onde morreu o poeta, e que uma família, há cem anos, mantém no mesmo aspecto com carinho e firmeza, e que, a dar-se a venda, será substituído por um imóvel inestético de 6 andares ou uma garagem colossal como agora se usa de ver e dizer. E lá se vai na voragem — a árvore do jardim do poeta, o átrio, a janela da alcova e tudo o que ainda tem o ressaibo romântico da época.

A Câmara na sua louvável tarefa cultural, tomou posição nas comemorações centenárias, com a iniciativa da Exposição da Colecção Ferreira Lima. Ouvi falar na sua possível ida a Coimbra. E o trabalho exaustivo do probo lisboeta que foi o meu ilustre confrade, velho amigo e notável pólgrafo o Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima sairá da nossa terra.

Será, demasiado romântico em 1955, sugerir a vantagem de ser adquirida a casa onde o poeta morreu, a colecção ao poeta referente e junto e conservadas uma e outra coisa, instituir senão o museu Garretiano, pelo menos o Museu romântico de Lisboa?

A vida de Garrett em Lisboa justifica-o e o Romantismo nos seus vultos mais notáveis elegeu Lisboa por tablado; não devemos esquecer que foram lisboetas Herculano e Castilho.

— Existe e publica-se em Lisboa com regularidade desde 1835 o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* e era de desejar que a casa onde tal jornal centenário nasceu fôsse assinalada.

Era um acto de Justiça e até uma reparação, porquanto está assinalado o local onde nasceu uma outra publicação alfacinha, arrogando-se o título de mais antiga, e não o é, como é fácil verificar e se sabe.

— Agora as referências ao peão. Julgo que seria de desejar, que, nas transversais da Baixa, Rossio e imediações e Restauradores, fôsse tido em conta a vida particular e os afazeres do peão, que perde carros, autocarros e até combóios pela demora do trânsito ser aberto e, que até pela sua aglomeração provoca obstrução completa da circulação nos passeios.

Tanto no trato com o transeunte como com os passageiros dos eléctricos deveria haver da parte do respectivo pessoal encarregado desses serviços mais urbanidade, pois viajam nos eléctricos e circulam nas ruas pessoas da mais elevada cultura e situação, dignas do maior respeito e consideração, com que aliás devem ser tratados todos os transeuntes, com a deferência e dignidade que até prestigia os respectivos agentes executores.

Evidentemente, que, entre os guardas encarregados do trânsito, como entre o pessoal da Carris, os mais exuberantes de gestos e os menos correctos, são ínfima minoria, que é justo registar, mas essa mesma minoria era mister extinguir-se, para dignificação do serviço e até com vantagem e necessidade notória dos restantes membros das respectivas corporações, que bem merecem de todos nós, e que são bem dignos, pela sua composição, de não terem uma minoria que deslustre os seus merecidos créditos.

— Parece-me de notória vantagem a bem do Turismo, do bom nome e propaganda da cidade, esses mesmos funcionários serem industriados sobre elucidações elementares sobre locais da cidade. A mim mesmo já um guarda me informou erradamente sobre o local duma Repartição Pública e assisti a um condutor, declarar em voz alta, na carreira Campolide-Carmo, desconhecer a existência do Jardim Botânico.

Pequenos nada que muito valem.

Que V. Ex.^{as} me desculpem, só quiz mostrar que não venho só com intenções românticas ou evocativas, mas que, com espírito de justiça e observação, desci até às ruas onde circulamos, e auscultei, não fosse eu médico, alguns dos seus anseios.

Termino, como comecei saudando respeitosamente V. Ex.^{as} com quem tanto me honrarei sempre de colaborar e ouvir.

Uma Entrevista

com

MATOS SEQUEIRA

por HUGO RAPOSO

VEM já de longe o nosso propósito de entrevistar alguns vultos olisiponenses. É uma forma subtil, sem transpor o portal das conveniências, de entreabrir a favor do público a intimidade da alma do entrevistado, o que inegavelmente tem interesse para a história, quando se trata de nomes consagrados, como são aqueles que nos propomos auscultar.

Hesitávamos entretanto em decidir por quem devíamos começar o impertinente interrogatório. Eis senão quando o acaso nos coloca deante de um ensejo propício à efectivação do nosso plano e põe termo a hesitações.

O Olisipo aparece agora aos seus leitores sob novo figurino gráfico. Impunha-se festejar o caso registando no primeiro número remodelado alguma coisa de novo.

Gustavo de Matos Sequeira, Vice-Presidente da Junta Directiva do Grupo, que forma com o Visconde de Castilho e com o Engenheiro Augusto Vieira da Silva a grande trilogia de sábios investigadores, é o nome que há muito me tamborila na imaginação. Mas ele é precisamente o Director do Olisipo. Não sabia como podia propor ao próprio chefe da revista o meu intento. Infelizmente o nosso grande Mestre está ocasionalmente retido em casa, sujeito a um regime de repouso, embora eventual, pelo que a Direcção do presente número ficou entregue ao cuidado do preclaro Secretário Geral, com quem nos consertámos para este efeito.

Todavia, antes de enfrentar o acontecimento, tratámos de averiguar cautelosamente se o estado de Matos Sequeira permite sustentar o duelo

oral das perguntas e respostas. A sondagem é favorável ao prélio. No entanto a delicadeza continua a reger-se por um código convencional que ainda não foi posto completamente de parte, e nós, ao abrigo do seu art. 1.º procurámos telefonicamente uma das mais distintas e ilustres Senhoras desta cidade — D. Beatriz de Matos Sequeira — que nos corrobora a informação de que podemos conversar à vontade com seu Marido.

— Mas quando, minha Senhora?

— Hoje mesmo se quizer.

Numa terra em que tanta gente se arroga o título de jornalista, tenho de confessar com toda a franqueza, que nunca o fui, só pela circunstância (felizmente para o jornalismo) de que no caminho de ferro da minha vida, não estava feita a agulha que me levasse para lá. Fô por isso que, ao empreender a realização desta entrevista, e no momento em que vou bater à porta da Rua Nova de Santo António, me capacito verdadeiramente da responsabilidade em que incorro.

Não se trata simplesmente de ir cavaquear com um senhor que está momentâneamente recolhido em casa. Não posso esquecer-me e não esqueço mesmo, que vou provocar confidências, revelações e declarações do mais classificado representante da cultura olisiponense na actualidade e, dentre todos — vivos e desaparecidos — aquele que melhor a tem difundido, no livro e no jornal, em prosa e em verso, no teatro, na oratória, nas reconstituições vivas, na propaganda, nas exposições e até no emolduramento decorativo da sua residência.

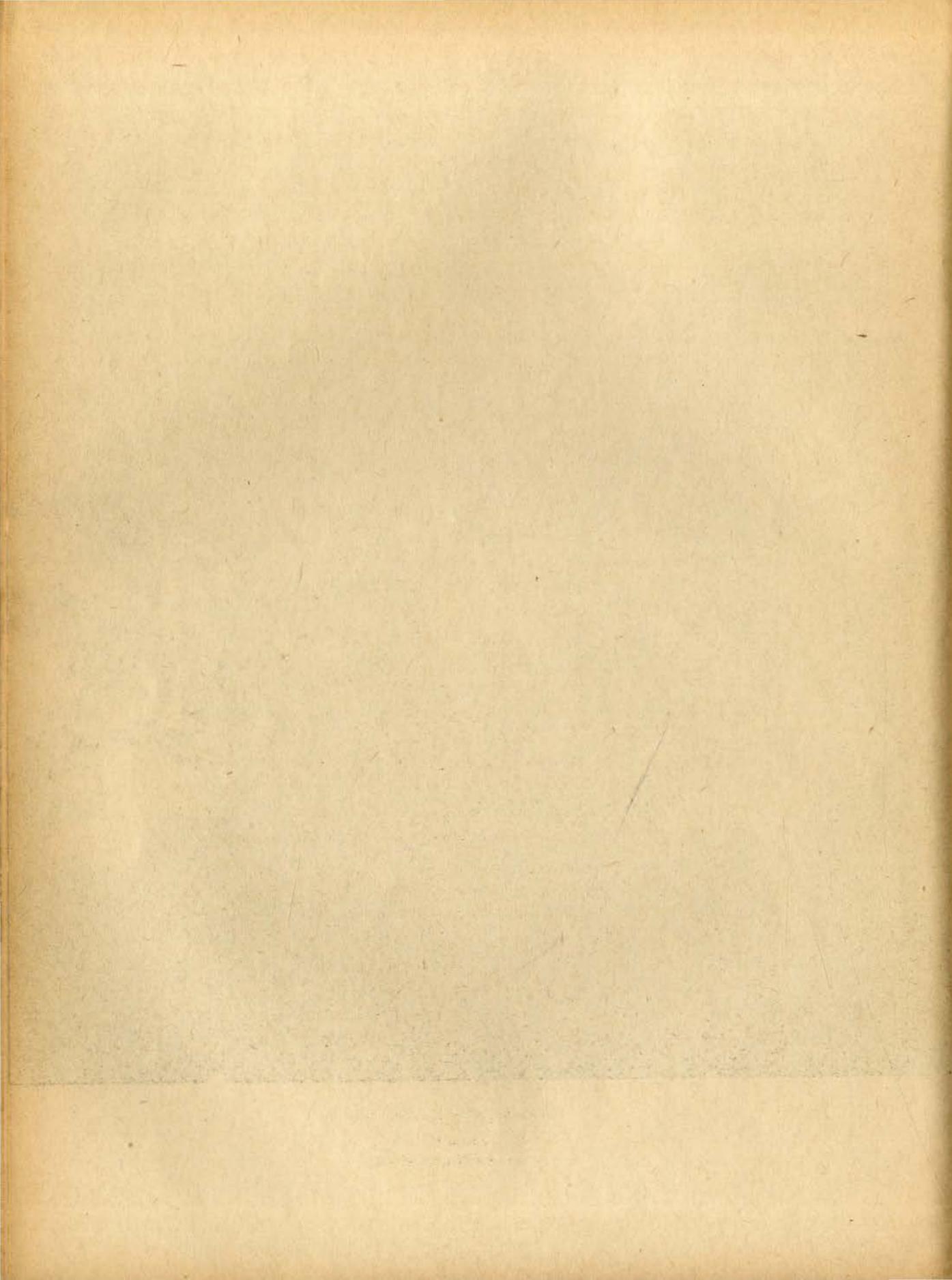
«Depois do Terremoto» e «O Carmo e a Trindade» são estudos que jamais deixarão de constituir fontes sérias de consulta para a posteridade, escritos na mais pura e rica linguagem. Não tento sequer enumerar a vastíssima produção literária de Matos Sequeira. Talvez ele próprio já não seja capaz de promover o inventário de toda a sua obra, que vem a acumular-se desde os dezoito anos. Que precocidade!

É pois muito novo que o nosso Mestre começa a evidenciar-se e a acreditar a sua forte personalidade. Priva intimamente com essa figura grandiosa e empolgante das letras olisiponenses que foi Júlio de Castilho. É seu visitante assíduo no Lumiar e este cita-o já em termos desvanecedores nos seus livros, dizendo dele: «mancebo studiosíssimo, para quem são verdadeiro encanto as pesquisas históricas e geneológicas».

Em 1914, o nome de Matos Sequeira cobre-se de glória como secretário da Exposição Olisiponense, realizada na Associação dos Arqueólogos, no Carmo. Foi um acontecimento, e para o avaliar é preciso dizer que



Matos Sequeira e a sua amada
"Lisboa, à beira-mar, cheia de vistas
A Lisboa dos líricos pregões..."



nessa época não estava formada a corrente de compreensão que hoje existe.

Mais tarde, quando das primeiras Festas dos Mercados, conquista novo êxito com um «Mercado do século XVII» no Largo de S. Domingos.

A sua reconstituição arquitectónica de Lisboa de antanho, nas Francesinhas, empresta a mais alta categoria às Festas da Cidade em 1935. Ali acorrem multidões para admirar a fidelidade estética com que se reproduzem trechos da cidade branca, nas suas expressões medievais.

Cá em casa, nos Amigos de Lisboa, com o seu conselho, com a sua colaboração, com a vibração do seu espírito sempre jovem, tem-se realizado cometimentos, que só pelo facto de nós os termos vivido se lhes não dá o verdadeiro valor, por exemplo nos torneios sobre a côr de Lisboa, sobre o pitoresco, sobre a arquitectura, em que a sua participação trouxe àquelas conferências elevado nível de pensamento.

Ao contrário de outros homens célebres que se retraem ao convívio social, Matos Sequeira, a quem já se não pode negar o mérito de ser um dos maiores historiadores do século XX e escritor de invulgar erudição, faz a vida simples e desprezenciosa de qualquer outro lisboeta. Comparece diàriamente com pontualidade e regularidade na sua «oficina literária» nos Amigos de Lisboa, seu predilecto centro de trabalho e sala de recepção. De dentro daquelas quatro paredes de S. Roque tem saído algumas das suas mais belas produções. É ali que todos os estudiosos, todos os curiosos e muitos graduados vêm fazer as suas consultas. Quando a alguém se depara uma dificuldade na obtenção do esclarecimento histórico, quando se levanta uma dúvida quanto a uma determinada hipótese, quando se não sabe qual a fonte a pesquisar, essa enciclopédia viva, que é o espantoso cérebro de Matos Sequeira, soluciona prontamente e com precisão todas as dúvidas que se lhe possam apresentar.

Embora muito relacionado e viajado e com a sua rica mentalidade aberta de par em par para o universo, Matos Sequeira vive habitualmente dentro da sua «cêrca» situada entre a Cotovia e as Portas de Santa Catarina. Dentro desta linha e com uma perpendicular para o seu jornal na Rua Formosa, é que se desenvolve quase todo o seu programa quotidiano.

Em geral não passa do meio da Rua Pública da Pedreira para baixo. Vê-lo descer para o Pote das Almas ou para Payo de Navaes é uma raridade. Quando muito, uma vez que outra lá vai até ao Convento de S. Fran-

cisco consultar os velhos alfarrábios da Academia com os quais se trata tu cá tu lá...

A maior parte do dia passa-a o Mestre no seu gabinete dos Amigos de Lisboa em Vila Nova de Andrade, trabalhando afanosamente; e dali ele contempla, como se a estivesse vendo, a Torre de Álvaro Pais ou o Postigo do Conde. Aí pelas Ave-Marias, arruma os seus papéis numa ordem que o não parece, deixa um cinzeiro enorme cheio de pontas de cigarros e lá vai ele pela Rua Larga abaixo, meio cosido com a muralha fernandina, torneja para as Portas de Santa Catarina e logo que chega em frente do Tesouro Velho atravessa a rua para entrar na Brasileira a tomar o seu café e reunir-se com amigos de todos os dias.

A boas horas para jantar, não muito tarde, torna a transpor as Portas de Santa Catarina e espera o eléctrico que vai para o Moinho de Vento, na paragem que fica à entrada da Estrada para Cataquefarás. Apeia-se um pouco para lá do Colégio dos Nobres, desce à Fábrica das Sedas e entra em casa, que é património de família desde meados do século XVIII.

É a porta dessa casa, a todos os títulos lisboeta, por sua arquitectura, por sua decoração, por seu morador, que agora transponho.

Não recorro a rodeios. Ponho a questão francamente logo de entrada.

— Venho entrevistá-lo para o Olisipo...

Matos Sequeira impertiga-se e vai a dizer qualquer coisa, mas antes que ele a diga, interrompo e acrescento:

— Bem vê, V. Ex.^a como Director da Revista, agora está em férias e é uma ocasião única de se arquivar no Olisipo as suas opiniões.

— Sim, mas isso de entrevista é um pouco complicado... de resto que posso eu dizer-lhe de novo?

— Poi bem, não entremos em complicações. Conversemos despreocupadamente como bons amigos. Por exemplo eu gostava de saber a quando remonta o seu interesse pelos assuntos olisiponenses.

Matos Sequeira aponta-me para a parede em frente onde está a sua fotografia de Cadete de Cavalaria:

— Foi por aquela idade. A ladeira por onde escorreguei para o abismo, foi um velho baú, atochado de papéis velhos, que topei numa arrecadação da minha casa familiar. Fui lá dar com as escrituras de aforamento do terreno onde os meus maiores a construíram em 1760. A escritura trazia confrontações, nomes de ruas e de pessoas, e isso despertou-me

curiosidades. De aí a pouco estava empenhado em arredondar os meus conhecimentos e, sem dar por isso, quase, achei-me preso nas malhas da olisipografia.

Animado com o êxito desta primeira proposição procuro não deixar arrefecer o ambiente e atiro resolutamente uma segunda pergunta.

— Qual foi o seu primeiro trabalho de verdadeira profundidade olisiponense?

— O primeiro volume do *Depois do Terremoto* a que se seguiram mais três, publicados espaçadamente. Além desta obra, publicada pela Academia das Ciências, escrevi outras como *Tempo Passado, Relação de Vários Casos Notáveis, Teatro de Outros Tempos, A Nossa Lisboa* (com Pastor de Macedo), *O Carmo e a Trindade, Lisboa, A Sé de Lisboa, 1147, A Evolução de Lisboa, A Biografia de Lisboa, Auto de Santo António, Afonso Henriques* (episódio dramático), *A Fisionomia de Lisboa*, e numerosas conferências, artigos e dispersos de vária espécie.

Agora estamos ambos à vontade. O «doente» fala como se estivesse de perfeita saúde, e eu, que entrei aqui com o temor de não me sair bem da entrevista, começo a sentir prazer nesta conversação, e prossigo:

— Há pontos da história da cidade que se podem considerar estudados ou esclarecidos. Que assuntos, porém, acha que estão ainda por estudar ou por desenvolver?

— Toda a zona oriental de Lisboa, fora dos antigos muros, como Santa Clara, Graça, Penha de França, Arroios, Mouraria, Desterro, Campo de Santana, etc., está ainda pouco estudada. Há apenas alguns trabalhos parcelares e incompletos.

— Quem são em sua opinião os maiores olisipógrafos desaparecidos?

— Castilho, Vieira da Silva, Gomes de Brito e Pinto de Carvalho. Castilho seguindo Vilhena Barbosa foi o iniciador do grande movimento. Lisboa passou a ser um «assunto» histórico e literário.

— Foi efectivamente grande a amizade e intimidade de V. Ex.^a com o Visconde de Castilho?

— Sem dúvida. Comecei a frequentar a casa do autor da *Lisboa Antiga*, à roda de 1904, quase todos os dias feriais. Era uma «Aula». Essas tardes na atraente casinha do Lumiar, saboreava-as gulosamente, e Castilho, animando-me satisfazia todas as minhas curiosidades. Era um Mestre. E sabia ensinar encantando os discípulos. A sua gentileza comigo foi ao ponto de publicar na íntegra o meu trabalho sobre a Igreja de S. Mamede, no quinto volume do *Bairro Alto*. Felizmente e pelo

impulso por ele dado, os cultores da olisipografia proliferaram. Francisco Cancio, Mário Costa, Ferreira de Andrade, Sampaio Ribeiro, Alfredo do Nascimento e outros, trabalham bem e apaixonadamente.

Pastor de Macedo de há muito está na categoria de Mestre.

— Que méritos atribui à política cultural dos Amigos de Lisboa?

— Acho que tem tido uma acção decisiva: sucessor da Secção de Arqueologia Lisbonense da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a que José Queiroz presidia e que eu secretariei, organizadora do primeiro museu olisiponense, o Grupo tem já uma importante folha de serviços, organizando visitas, de estudo, conferências de propaganda, durante vinte anos de vida activa e profícua.

— E acha que se podia procurar uma evolução no sentido de encontrar novos rumos?

— A solução evolutiva a procurar, depende de muitas circunstâncias. Actualmente não é fácil formular e estabelecer programas. A vida moderna é cheia de imprevistos e de surpresas.

De vez em quando uma comunicação telefónica traz uma interrupção ao nosso colloquio. São disvelos de amigos, que indagam carinhosamente como vai passando o doente. Na minha qualidade de principiante aproveito estes intervalos para dar uma vista de olhos pelos meus apontamentos «para não me perder»... e entretanto mudamos de assunto:

— Quais os maiores encantos e os maiores defeitos que encontra na nossa cidade?

— O maior encanto de Lisboa reside na luminosidade singular do seu ambiente e no pitoresco que resulta da sua orografia cheia de imprevistos. O seu maior defeito é a preocupação de se querer parecer com as outras grandes cidades, quando exactamente o seu «desideratum» deveria ser o de não se querer parecer com nenhuma outra. A singularidade é a maior virtude urbana.

— Gostaria Matos Sequeira de falar sobre o projectado metropolitano?

— Não faço uma ideia nítida do que resultará para Lisboa do aparecimento do metropolitano. Oíço falar em valas abertas e não vejo bem o que isso seja. Resolverá o metropolitano os problemas do trânsito? Confesso que não abranjo o assunto. O que sei seguramente é que esses problemas só se resolverão com túneis que liguem os vales citadinos, transversalmente.

— Parece-lhe recomendável uma campanha prévia para acautelar

a hipótese de o metropolitano vir a ser denominado pelo termo «metro» pronunciado à francesa, como já se ouviu?

— Quanto à maneira de nomear o nosso sistema de transporte, acho bem que se principie a insistir no termo que venha a ser escolhido, para ver se se fixa nos ouvidos. Mas qual?

Surge o momento de propor uma pergunta composta, cheia de interesse, uma verdadeira pergunta de algibeira:

— Qual a melhor rua de Lisboa, o melhor monumento, o melhor edifício, a melhor estátua e qual o bairro de mais carácter?

Matos Sequeira responde prontamente e sem pestanejar:

— Para mim a rua melhor de Lisboa é a Avenida da Liberdade; o melhor monumento a Torre de Belém; melhor edifício o conjunto do Terreiro do Paço; a melhor estátua, a do rei D. José e o bairro de mais carácter, Alfama.

— E o maior Amigo de Lisboa de todos os tempos?

— O seu grande defensor — o Mestre de Aviz.

Foi este sem dúvida, o momento culminante da entrevista. Ninguém houvera proferido até agora esta sentença. Nos acesos prélios que se vêm travando há bons vinte anos nos arraiais olisiponenses, ainda não havia sido posta esta questão. A solução é própria de quem a ditou e creio que não levanta objecções. O Mestre de Aviz é efectivamente a grande figura nacional, que com a sua heroica defesa em Lisboa, assegura a sobrevivência da Pátria.

Sinto entretanto que sujeitei Matos Sequeira a uma «comoção histórica» e decido recuar para temas menos emocionantes.

— Quere dizer-me alguma coisa sobre aquilo que se possa chamar aspirações cidadinas?

— As capitais são exigentes. Estão sempre a reclamar melhoramentos e Lisboa de há muito que implora alguns e que sonha com outros: a ponte sobre o Tejo; um plano definitivo para a conclusão do Parque Eduardo VII, que tem sofrido tantas experiências; o traçado final a executar na Praça D. João I; tudo isto são velhas aspirações cidadinas. E não há que perder a esperança porque muito se tem feito ultimamente.

— Já que me falou na futura Praça D. João I, não quererá confiar-me o estado actual do seu pensamento àcerca do Arco do Marquês do Alegrete?

— Não houve alteração no meu pensamento. Pensei e lembrei que se transformasse num monumento ao povo de Lisboa, que foi o grande

defensor da capital em todos os tempos, mas a ideia dissolveu-se no desinteresse geral.

— Talvez Matos Sequeira esteja prematuramente descrente. A propósito de certo recente discurso disse-se que há projectos que têm salvação e outros que não têm. Por ora nada permite afirmar que tal projecto não tenha salvação...

— Tenciona V. Ex.^a escrever o livro que lhe foi em tempos sugerido publicamente por Norberto de Araújo, no *Diário de Lisboa*, sobre as aplicações que vieram a ter os conventos de Lisboa?

— O Dr. António Luís Gomes propôs-me esse trabalho, mas o caso não chegou a resolver-se.

— A propósito de Norberto de Araújo, a que rua entende que deve ser dado o nome daquele notável olisipógrafo?

— A uma das serventias de Alfama de que haja réplica toponímica. Por exemplo — S. Miguel. O nome do grande jornalista não fica bem numa rua moderna e rica.

As perguntas que se poderiam fazer a Matos Sequeira, não ficam esgotadas, mas sinto que a entrevista está no fim. É já de pé, e antes do aperto de mão de despedida, que, em nome de todos os amigos e de todos os admiradores desta grande figura, disparo a última interrogação:

— Pensa escrever as suas memórias?

— Se continuar a viver penso escrever um livro (já o tenho começado) intitulado *A Minha Memória*.

Matos Sequeira não sofre de hesitações perante a formação imediata dum raciocínio superior e lógico. Ele tem sido sempre e nas mais imprevistas emergências o homem dos improvisos brilhantes, quer falando, quer escrevendo. Por isso, noutras circunstâncias, que não em frente de uma cadeira de repouso, poderiam ter-se agitado outros temas. A presente entrevista não traz acréscimo algum ao seu prestígio, indiscutível e indiscutido, mas permite a quem não o conheça de perto, ter uma noção mais viva da sua personalidade e do colorido da sua imaginação. Alcançamos portanto o nosso intento.

Ponderando que quem aqui esteve em causa foi a pessoa do entrevistado e não a de quem o entrevistou, não parece mal dizer também, que o património olisiponense sai enriquecido deste passo com algumas notas inéditas, o que nos absolve perante a nossa própria consciência de termos sonhado e realizado o presente inquérito.

Locução do Guia

na Romagem de Peregrinação, evocadora das “Viagens na minha terra”, contributo do Grupo dos Amigos de Lisboa às Comemorações Garretteanas

Palavras do Capitão JÚLIO DA COSTA PINTO

Ao iniciar esta nossa maravilhosa viagem evocativa da que Garrett realizou há cem anos, em primeiro lugar permito-me apresentar os meus mais expressivos cumprimentos ao Secretário dos Amigos de Lisboa, Sr. Dr. Eduardo Neves, saudando nele todos os corpos dirigentes e todos os componentes de uma tão interessante agremiação. É que a acção exercida pelos Amigos de Lisboa tem sido deveras notável pelo alcance e projecção que tem tido na educação artística do culto pela terra onde decorre a nossa vida.

Acção persistente, suave, sem espalhafato, firme e segura; e todas as suas iniciativas têm sido coroadas de êxito; e são imediatamente recebidas com o mais caloroso aplauso, o que demonstra o inteligente critério da sua Direcção.

Ora já em 1940 nos Amigos de Lisboa se falava na consagração de Garrett; e em 6 de Julho de 1952 o Sr. Dr. Eduardo Neves durante a excursão Tejo acima, disse o seguinte:

«Pena é não serem hoje, em vez de 6 de Julho, 17 do mesmo mês, dia que no ano da graça de 1843 calhou a uma segunda-feira, quando Garrett, depois de uma madrugada, ouvidas as seis horas em S. Paulo, chegou, envergonhando os madrugadores, ao mesmo Terreiro do Paço onde hoje embarcámos. Começaram assim as «Viagens na Minha Terra» onde andamos hoje saboreando uma viagem na minha terra. Dizia Garrett: «Assim vamos de todo o nosso vagar — o vapor então era vagaroso por costume, o nosso é-o por conveniência — contemplando este

majestoso anfiteatro de Lisboa oriental, que é, vista de fora, a mais bela e grandiosa parte da cidade, a mais característica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha Lisboa das Crónicas. Da fundição para baixo tudo é prosaico e burguês, chato e vulgar e sem sabor, como um período de Dedução Cronológica». Assim será, por força das circunstâncias, a despeito de todos os nossos bons desejos, a legenda que nos foi conferida. Dizia ainda Garrett que já então o povo — que, no seu dizer, tem sempre melhor gosto que a espuma decorada que se chama sociedade e que anda ao de cima da população — «elegia para seus passeios favoritos a Madre de Deus, o Beato, Xabregas e Marvila e as hortas de Chelas. A um lado a imensa majestade do Tejo, em sua extensão e poder, que ali mais parece um pequeno mar mediterrâneo, do outro a frescura das hortas». E pergunta: «que outra saída tem Lisboa que se compare em beleza com esta? Tirado Belém, nenhuma. E, ainda assim, Belém é mais árido». Que a Garrett perdoe Sampaio Ribeiro...»

Logo que se falou na realização desta viagem, ofereci-me para Guia dos meus preclaros e queridos consócios; visto que eu tenho a paixão de Santarém; adoro a minha terra; e ainda não desesperei de ver um dia — naquela cidade tão cheia de monumentos notáveis — um grupo de seus Amigos, vasado nos moldes do dos Amigos de Lisboa. Existem valores bastantes que ali assegurariam o seu triunfo no interesse da cidade.

Porém eu ofereci-me apenas para ter o gosto de acompanhar V. Ex.^{as} e indicar-lhes os monumentos; porque contava com o auxílio do Dr. Virgílio Arruda, jornalista e notável conhecedor de tudo quanto se ligue a Santarém; e à estada de Garrett em Santarém; os seus recentes artigos publicados no *Correio da Estremadura* são os mais valiosos estudos dessa época; estudo que consideramos exaustivo. E também contava com a proficiência do notável e sabedor arqueólogo Sr. Engenheiro Zeferino Sarmiento, a quem os monumentos de Santarém devem estudos especializados, que fizeram a atmosfera dentro da qual se vai exercendo a patriótica e benemérita acção da Direcção dos Monumentos Nacionais.

Com o Sr. Dr. Virgílio Arruda, não consegui avistar-me: escrevi; telefonei, fui procurá-lo no jornal e em casa; inutilmente, pois esteve doente e não me pôde recebr.

O Sr. Engenheiro Zeferino Sarmiento, não pôde aceder ao meu pedido; e o ilustre Professor Dr. Veríssimo Serrão, com quem contei, teve que retomar os seus trabalhos na Universidade de Toulouse, onde o seu nome vai adquirindo a celebridade merecida pelas suas faculdades de trabalho e de talento, já firmadas nas publicações feitas. Quer dizer; têm V. Ex.^{as} que me ouvir! E eu farei tudo quanto puder para que

V. Ex.^{as} fiquem sabendo onde estão as curiosidades, que depois podem estudar com tempo e junto dos mestres.

Peço perdão pela pobreza dos meus conhecimentos.

Cem anos depois da descrição da «minha terra» feita por Garrett, quantas mudanças! Cem anos, meu Deus!

A casa do vale, continua a ser a mesma; a janela ainda ali se encontra; a roseira... Mas as vicissitudes por que tudo tem passado fizeram perder à roseira a sua exuberância; já não emoldura a janela; os rouxinóis emigraram...

A estrada deu uma volta e já não passa de forma a poder ver-se a janela no ângulo em que Garrett a viu.

No entanto, iremos seguindo tanto quanto possível a estrada, e falando nos sítios que mais impressionaram Garrett.

Ao passar em frente de Marvila, ainda dou a palavra ao Dr. Eduardo Neves:

«Aqui estive a relíquia do Santo Milagre de Santarém, que deu origem, em 1811, ao sucesso do «homem das botas», em que a atenção popular foi desviada para a barra pela pretensa travessia do Tejo por um homem com botas de cortiça, afim de se trasladar a relíquia para Santarém.»

Quando chegarmos a Santarém, na altura devida, voltaremos ao assunto.

Chegámos a Vila Nova da Rainha: Felizmente bem longe do «seu triste desembarcadouro, que é o mais feio pedaço de terra aluvial em que pousei os meus pés; o sol arde como ainda não ardeu este ano».

Não perdemos nada em passar de largo, como se depreende do que diz Garrett; e mais, ele passou aqui no fim do verão e nós, no fim quase do outono.

«Estamos em Vila Nova e às portas do nojento «caravanseray», único asilo do viajante, nesta, hoje, a mais frequentada estrada das estradas do reino. (E como se vê, cada vez mais!)

Parece-me estar mais deserto e sujo; mais abandonado e em ruínas este asqueroso lugarejo, desde que ali ao pé tem a estação dos vapores, que são a comodidade, a vida, a alma do Ribatejo. Imagino que uma Aldeia de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e cómoda.

Julgo que não há duas opiniões: estamos a ganhar em não ter vindo no barco!... Abençoemos não ter tido a maré a nosso favor.

«Fujamos depressa deste monturo; é monótona, árida e sem presença de árvores a estrada»...

E assim se chega à «Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visíveis sinais de vida; asseadas e com ar de conforto as suas casas. É a primeira povoação que dá indício de estarmos nas férteis margens do Nilo português.»

Cartaxo:

«Eram dadas cinco horas da tarde, a calma declinava; montamos a cavalo, e cortamos por entre os viçosos pâmpanos que são a glória e a beleza do Cartaxo; as mulinhas tinham refrescado e tomado ânimo; breve nos achemos em plena charneca.

Bela e vasta planície! Desafogada dos raios do sol, como ela se desenha aí no horizonte tão suavemente! Que delicioso aroma selvagem que exalam estas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem e que resistem verdes e viçosas a um sol português de Julho!

A doçura que mete na alma a vista refrigerante de uma jovem seara do Ribatejo nos primeiros dias de Abril, ondulando lascivamente com a brisa temperada da primavera — amenidade bucólica de um campo minhoto de milho, à hora da rega, por meados de Agosto, a ver-se-lhe pular os caules com a água que lhe anda por pé, e à roda as carvalheiras classicamente desposadas com a vide coberta de racimos pretos — são ambos esses quadros de uma poesia tão graciosa e cheio de mimo, que nunca a dei por bem traduzida nos melhores versos de Teócrito ou de Virgílio, nas melhores prosas de Gessner ou de Rodrigues Lobo.»

Depois da batalha de Almoester, quando as tropas de D. Manuel retiraram sobre Santarém, aqui passou a última revista às suas tropas, o Duque de Bragança D. Pedro IV.

Prosegue a viagem através dos campos e chegamos ao Vale. Demos de novo a palavra a Garrett:

«Cá estamos num dos mais lindos e deliciosos sítios da terra; o Vale de Santarém; pátria de rouxinóis e de madressilvas; cinta de faias belas e de loureiros viçosos. Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do ocidente, senão a nossa terra; e vale por tantas, tantas coisas que faltam.»

Como ainda hoje, cada um de nós, os que estiveram alguma vez exilados da sua terra; como ainda hoje é verdade tudo o que afirmou Garrett, que escreveu sentindo a paisagem através das feridas que rasgaram o seu coração!

«O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de tons, de disposição em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossêgo do espírito e o repouso do

coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madressilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a cogossa, os fetos, a malva-rosa do valado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar o quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela mais aberta de uma habitação antiga mas não delapidada — com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê...

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali?

Parei e puz-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... E um vulto por detrás... Imaginação de certo! Se o vulto fosse feminino!... Era completo o romance.

Como há-de ser belo ver pôr o sol daquela janela!...

E ouvir cantar os rouxinóis...

E ver raiar uma alvorada de Maio!...

Se haverá ali quem a aproveite, a deliciosa janela?... Quem aprecie e saiba gozar todo o prazer tranquilo, todos os santos gozos de alma que parece que lhe andavam esvoaçando em torno?

Se for homem é poeta, se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada; vêem, sentem, pensam, falam como a outra gente não vê, não sente, não pensa, nem fala.

Na maior paixão, no mais acrisolado affecto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto de vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino do seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublima-se, idealiza-se logo, toda ela é poesia, e não há dor física, interesse material, nem deleites sensuais que a façam descer ao positivo da existência prosaica.

Estava eu nestas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que há muito tempo me lembra de ouvir.

Era ao pé da dita janela!

E respondeu-lhe logo outro do lado oposto; e travou-se entre ambos um desafio tão regular em estrofes alternadas tão bem medidas, tão acentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, e esqueci-me de tudo mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cair na água de cansado.

O arvoredo, a janela, os rouxinóis... àquela hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se àquele balcão — vestido de branco... oh! branco por força... a frente descaída sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao céu... De que cor os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços para ser romântica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poética...

— Os olhos, os olhos... — disse eu, pensando já alto, e todo no meu êxtase — os olhos... pretos.

— Pois eram verdes!

— Verdes os olhos... dela, do vulto da janela?

— Verdes como duas esmeraldas orientais, transparentes, brilhantes, sem preço.

— Quê! pois realmente?... É gracejo isso, ou realmente há ali uma mulher bonita e?...

— Ali não há ninguém — ninguém que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve de estar no céu.

— Bem dizia eu, que aquela janela...

— É a janela dos rouxinóis.

— Que lá estão a cantar.

— Estão, esses lá estão ainda como há dez anos — os mesmos ou outros mas a *menina dos rouxinóis* foi-se e não voltou.

— A menina dos rouxinóis! Que história é essa? Pois deveras tem uma história aquela janela?

— É um romance todo inteiro, *todo feito* como dizem os francezes e conta-se em duas palavras.

— Vamos a ele. A menina dos rouxinóis, menina com olhos verdes! Deve ser interessantíssimo! Vamos à história já.

— Pois vamos. Apeemo-nos e descansemos um bocado.

Já se vê que este diálogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.»

«As animadas feições de Joanhina reflectiam simpaticamente a mesma alteração.

Joanhina não era bela, talvez nem galante sequer no sentido popular e expressivo, que a palavra tem em português, mas era o tipo da gentileza, o ideal da espiritualidade.

Joanhina porém tinha os olhos verdes; e o efeito desta rara feição naquela fisionomia à primeira vista tão discordante — era em verdade pasmoso. Primeiro fascinava, alucinava, depois fazia uma sensação inexplicável e indecisa que doía e dava prazer ao mesmo tempo; por fim pouco a pouco estabelecia-se a corrente magnética tão poderosa, tão carregada, tão incapaz de solução de continuidade, que toda a lembrança de outra coisa desaparecia, e toda a inteligência e toda a vontade eram absorvidas.

Resta só acrescentar — e fica o retrato completo — um simples vestido azul escuro, cinto e avental preto, e uns sapatinhos com as fitas traçadas em coturno. O pé breve e estreito; o que se adivinhava da perna, admirável.

Tal era a ideal e espiritualíssima figura que em pé, encostada à banca onde acabava de comer a boa da velha, contemplava, naquele rosto macerado e apagado,

a indizível expressão de tristeza que ele pouco a pouco ia tomando e que toda se reflectia, como disse, no semblante da contempladora.

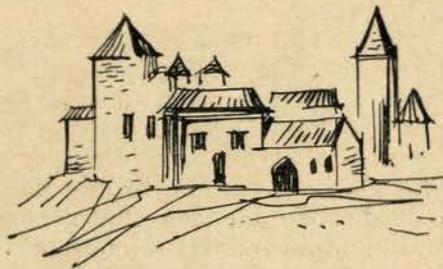
A guerra parecia cansada, o furor dos combatentes quebrado; rumores de intentadas transacções giravam por toda a parte.

No nosso vale as sentinelas dos dois campos opostos, costumadas já a ver-se todos os dias, começavam a ver-se sem ódio; principiaram por se dizer dos pesados gracejos de guerra, acabaram por conversar quase amigavelmente. Muita vez fui curioso ouvi-los, os soldados, discorrer sobre as altas questões do Estado que dividiam o reino e o traziam revoltos há tantos anos. Se as tratavam melhor os do conselho em seus gabinetes!

Joaninha que, pouco a pouco se habituara àquele viver de perigos e incertezas, de dia para dia lhe ia crescendo o ânimo, aguerrindo-se. Tudo se afazia àquele estado: até os rouxinóis tinham voltado aos loureiros de ao pé de casa, e como que disciplinados obedeciam aos toques de alvorada e de retreta, acompanhando-os de seu cantar animado e vibrante.

A essas horas Joaninha era certa em sua janela — naquela antiga e elegante janela renascença de que primeiro nos namorámos, leitor amigo, ainda antes de conhecer a ela. Ali a viam as vedetas de ambos os exércitos, ali se acostumaram a vê-la com o nascer e pôr do sol; ali, muda e queda horas esquecidas, escutava ela o vago cantar dos seus rouxinóis, talvez absorta em mais pensamentos ainda.

E dali lhe puseram o nome de *menina dos rouxinóis* pelo qual era conhecida em ambos os campos; significante e poético apelido com que a saudavam os soldados de ambas as bandeiras!»



Uma Toirada em Pedroços em 1873

por GILBERTO MONTEIRO

PEDROÇOS ou Pedrouços é actualmente — como era em 1873 — o cabo de Lisboa do lado ocidental; antes disso foi arrabalde da capital em continuidade com Belém e esse carácter suburbano prevaleceu longo tempo, se é que não prevalece ainda. Antes das primitivas tentativas de urbanização seriam quintas de exploração agrícolas, retalhos do reguengo medieval partilhados por várias casas nobres de que foi exemplo a Quinta da Princesa Maria Francisca Benedita, filha do Rei D. José, e a quinta do Duque de Cadaval. No fim do século XIX era francamente uma póvoa ribeirinha valorizada pela praia e pela estrada real que ligava Lisboa a Cascais; umas quantas dezenas de casas distribuídas por 8 ruas, 14 travessas, 6 largos e 3 becos segundo no diz o único cronista de Pedrouços, Simões Ratola, aboletavam os veraneantes um pouco a trouxe-mouxe, o que faz parte dos prazeres do veraneio, em quanto outras davam guarida à população fixa, gente de mar ou rural; além disto alguns palacetes e quintas de prazer.

O actual Pedrouços, não modernizado mas aumentado, visto que a parte antiga se conserva imutável, tomou de assalto a montanha do Alto do Duque, toda a encosta da Ajuda, terras do Hipódromo e do Duque de Loulé até ao Paio Calvo; esbordou para lá dos antigos limites da praia e deixou-se atravessar pela Estrada Marginal; nos terrenos do Abreu dos Cabos e Garcia, brotou uma avenida elegante que tomou o nome de Fernão Mendes Pinto, conquistou espaço ao Tejo e estabeleceu um domínio industrial consentâneo com sua índole marítima, a doca da pesca e as suas dependências técnicas, que no futuro serão o seu orgulho e — *chi lo sa?* — o seu desespero.

O Pedrouços que nos interessa hoje é o Pedrouços de ontem, o da praia de banhos, o que foi estância estival e de repouso, que serviu de refúgio e frescor aos nossos avós, esse a que o grande ironista Ramalho Ortigão classificou de «mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa». Os veraneantes eram como são agora ociosos

voluntários que procuram a todo o transe passar o tempo sem bocejar e se arrependem de ter férias. À míngua de desportos e de facilidades de transportes, de organizações de turismo e de cinemas, recorriam à própria imaginação e organizavam festas locais, reuniões familiares, quermesses, burricadas e piqueniques e no fim da temporada retiravam com novas amizades, projectos de casamentos e digerindo uma interminada série de intrigas e escândalos, produto lógico e fatal duma estirada época de calacice; ansiava-se por qualquer coisa que sacudisse os nervos, que fosse assunto de conversas no clube ou nas cadeiras de repouso que uniformemente se dispunham defronte das portas das habitações à hora da sombra. Pelas transcrições que fazemos poderá fazer-se uma ideia do que foi a sacudidela dos entorpecidos nervos de toda a colónia balnear de Pedrouços nesse fim de estação — *season* — de 1873. Uma toirada, a construção da praça, a escolha dos artistas, a indumentária, a espera do gado, etc., toda a complicada organização da festa brava entre gente o mais mansa possível...

O *Diário de Notícias*, n.º 2.746, de 22 de Setembro, na 1.ª página e 2.ª coluna, dizia:

«Houve hontem num quintal da rua da Praia de Pedroços, onde se improvisou uma praça de toiros, toda embandeirada e toldada, uma divertida corrida de bois de canastras, tourinhas, organizada por diversos mancebos da sociedade de banhistas elegantes e a que assistiram mais de 500 pessoas e as principais familias a banhos em Belem, Pedroços, Alcolena, etc. Houve toda a especie de episodios das corridas serias, espera de toiros, embolação, sortes de toda a natureza, pegas, varadas, boleus e desastres. O cavaleiro, neto, capinhas, andarilhos e até os bois que eram da Galiza, portaram-se bizarramente. Choveram na praça ramos, corôas, rebuçados, pastilhas, charutos e aplausos. Havia uma charanga e deitaram-se muitos foguetes. Foi chamado o lavrador, o socio, a empresa, etc. Algumas damas ofereceram lindas *moñas*; a rapasiada divertiu-se, todos riram à farta e assim se quebrou a monotonia que abismaria os espiritos se não fosse os animos folgasões que este ano ai teem distraido as tardes e as noites do povo balneario.»

Assim falou o conspícuo *Diário de Notícias*, provocando a sensação em todo o mundo da língua portuguesa até mesmo em Alcolena-praia. Porque se tratava da festa brava? Porque o facto se passara em Pedroços? Porque o redactor fazia parte dos veraneantes? Não, foi apenas porque se quebrou a monotonia... do povo *balneário*!

No dia seguinte o *Diário Ilustrado*, no seu n.º 410 e na secção mundana, noticiava a festa tauromáquica com um sabor humorístico e como quem não quer da coisa, lança uma piadinha ao colega *Diário de Notícias*, que não percebemos.

Transcrevemos:

«Foi muito concorrida no sabado a espera dos animais que haviam de ser toureados no domingo na *Praça Nova da Rua da Praia*, em Pedroços.

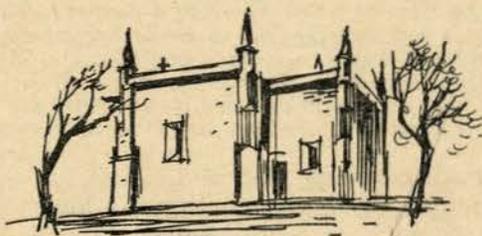
Os bichos pertencentes ás manadas do Ex.º Sr. Santiago de Campostela seguiram da pastagem da Cruz da Pedra, ás 10 horas da noite para a praça. Acompanharam-nos muitos cavalheiros da nossa alta sociedade, uns de cavallo, outros de burro e outros de trem. Os cavaleiros trajavam á *campino*.

A entrada da rua Direita de Pedroços, uns estouvados tentaram tresmalhar o gado deitando bombas e buscapés. Divertimento de mau gosto! Sempre conseguiram que um dos possantes quadrupedes fugisse. Viram-se em calças pardas para o arrebanhar. A meia noite (se nos é permitido pelo nosso colega Diario de Noticias) os animais *apraçaram.*»

Têm certo perfume de ingenuidade estas notícias; os factos narrados ressumam graça infantil, adivinham-se homens a brincar, rapazes e raparigas, velhos e jovens, todos em comunhão alegre a colaborar para o bom resultado duma inocente festa portuguesa, que eles sabiam realizar e realizaram.

A vida de hoje nas praias pouco difere do que foi; mais agitada, mais cara e *menos inocente.* As toirinhas foram esquecidas por ridículas, os rapazes de hoje concorrem às festas organizadas por outrém, *gyncanas* e *rallys* automobilísticos, *tennis*, *golf* e *sky* aquático, jogos estrangeiros de importação forçada em que eles se narcisam na própria imagem da sua insuficiência.

Algés, Setembro de 1954.





Feira da Ladra

O Grupo e a Urbanização de Lisboa

NA sessão de 14 de Julho de 1954 da Junta Directiva, o seu Vice-Presidente apresentou a proposta que a seguir se publica, que foi aprovada por unanimidade e de que resultou a representação que se transcreve a Sua Ex.^ª o Sr. Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, que em ofício de 14 de Agosto a agradeceu.

PROPOSTA

Numa das últimas reuniões da Vereação da Câmara Municipal de Lisboa, o vereador, S. Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira), chamou a atenção da Câmara para um projecto de urbanização da Praça do Império, cometido a um architecto, já aprovado e, o que é mais, em vias de realização, porquanto se ia abrir concurso para a adjudicação da respectiva empreitada, sem que se tivessem pronunciado sobre a legitimidade da obra qualquer dos organismos a que parecia, ela devia ser sujeita para apreciação.

Nem a Junta de Educação Nacional (sexta secção), nem a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nem a Academia Nacional de Belas Artes, nem a Câmara Municipal de Lisboa, tinham sido consultadas e ouvidas para essa urbanização, intentada exclusivamente pelo Ministério das Obras Públicas. Tal facto,

já de si merecedor de observação, adquire uma excepcional gravidade por se tratar de local de tão alto significado histórico e artístico.

Não pode ser de ânimo leve levada a cabo tal empreza de transfiguração da Praça do Império, sem que sobre ela se pronunciem os organismos oficiais que superintendem em assuntos de arte e de estética cidadina.

As palavras do architecto Moraes Palmeiro foram não só ouvidas atentamente, mas aplaudidas por toda a Vereação, e até pelo Sr. Presidente da Câmara, e sei que alguns passos foram dados para obstar que se perturbe o ambiente daquele local, com edificações de estilo moderno, ou mesmo tradicionalista, que não fariam senão ofender a majestade do nobre templo manuelino dos Jerónimos.

Como entendemos que ali, onde passaram, em regime provisório, as construções da Exposição Centenária de 1940, só tem cabimento um jardim, formando átrio de respeito à nobre fachada do templo, e como igualmente entendemos, que a atitude da Câmara tem de ser fortalecida com os aplausos de todos os que sabem amar Lisboa, o seu carácter, o seu tipo, as suas feições sem que tal colida com a modernização em tantos outros locais aconselhada, proponho que o Grupo, represente à Câmara dando-lhe o seu apoio e o seu parabem, manifestando igualmente o seu desacordo com a obra do Ministério do Ultramar, no local do antigo Arsenal,

onde se projectam edificações, sem lógica arquitectural, sem novidade e sem gosto, que perturbam a nobreza do Terreiro do Paço, obra esta de tal grandiosidade que todo o Mundo a aponta nos roteiros de Turismo.

Lisboa, em 14 de Julho de 1954.

a) GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Ex.^{mo} Senhor

A Junta Directiva dos «Amigos de Lisboa», na última sua reunião, apreciando a atitude tomada pela digna Vereação Municipal, quanto ao caso da urbanização projectada e em risco de efectivizar-se, na Praça dos Jerónimos, concebida de forma a pôr a massa architectónica do Mosteiro, na dependência das construções a fazer nas suas faces Poente e Nascente, aplaudindo o protesto apresentado e felicitando-se pelo acordo dado por V. Ex.^a e por toda a Vereação, vem, num mero intuito de colaboração e de apoio, juntar ao desacordo geral pela obra intentada o seu desacordo, e saudar V. Ex.^a pelo movimento de resistência iniciado a tal projecto que exige, pela importância histórica e artística do local, a interferência indispensável do Município da capital.

E aproveitando o ensejo, não quer também este Grupo deixar de manifestar os seus desejos para que outro local lisboeta, de semelhante importância, se não transforme sem que se dê a mesma intervenção, numa obra igualmente em projecto, tendente à edificação de novos imóveis, para instalação do Ministério do Ultramar, junto do Terreiro do Paço, no sítio do antigo Arsenal. Já o insigne olisipógrafo, o Engenheiro Augusto Vieira da Silva, num dos números da Revista Municipal, com a sua competência de técnico e o seu saber de escritor, demonstrou a possibili-

dade de se erguerem novas construções, sem prejuízo da obra pombalina, e já as próprias realidades o demonstraram na obra feita na ala Nascente, onde se manteve a grandeza, a escala e as proporções dos edificios planeados por Manuel da Maia e executados pela pleiade de engenheiros e architectos que souberam continuar a sua obra. Nem o Terreiro do Paço nem a Praça dos Jerónimos, merecem estar à mercê de ensaios construtivos de momento, e, por isso, a atitude da Câmara da digna presidência de V. Ex.^a, exige, mais do que merece, o louvor de todos que, como este Grupo, defendem com amor o passado e o presente de Lisboa, objectivado nos seus aspectos urbanos, seja na conservação e no respeito às suas feições monumentais, seja na manutenção do seu carácter mesmo através do espírito moderno das suas reconstruções.

Apresentando a V. Ex.^a os protestos da nossa maior consideração, somos

De V. Ex.^a

Attos. veneradores e respeitadores

A JUNTA DIRECTIVA

Lisboa, 30/7/54

A Rádio e o «Grupo»

«Ecos Literários» por Maria dos Remédios e Fernando Castelo-Branco em RÁDIO UNIVERSIDADE na emissão de 29 de Outubro de 1954.

COM o aparecimento do n.º 68 de OLISIPÓ — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa», completou-se o seu 17.º volume e simultaneamente o seu 17.º ano de publicação ininterrupta.

Este facto, quer pela continuidade e persistência que revelam da actividade dos «Amigos de Lisboa», quer pela enorme soma de estudos e artigos arquivados em

OLISIPO, que representa, deve ser assinalado com o devido relevo. Infelizmente, entre nós, as actividades culturais, umas mais valiosas, outras menos importantes, quase todas estão marcadas por interrupções, por descontinuidades, quase todas possuem a par de épocas de maior brilho, outras de quase completa estagnação.

Por isso o caso da persistente actividade do Grupo «Amigos de Lisboa», que tão bem se traduz, entre outros factos, pela publicação do seu Boletim deve ser tomado como modelo e como exemplo, não querendo nós pela mesma razão, deixar de o assinalar com o devido relevo, antes de analisarmos o último número de OLISIPO.

Abre o volume com uma interessante poesia do olipógrafo, Sr. Matos Sequeira, também um inspirado poeta, e que é uma patriótica composição referente aos acontecimentos da Índia.

A seguir arquiva este número de OLISIPO a conferência proferida pelo ilustre secretário-geral, Sr. Doutor Eduardo Neves, que focou com a sua habitual proficiência o tema de «que sempre os lisboetas se interessaram pela Índia e que nela sempre lutaram os seus naturais, desde as mais remotas eras» demonstrando-o brilhantemente através de exemplos bem escolhidos e de veras significativos.

Além desta conferência encontra-se ainda neste número de OLISIPO o catálogo de uma exposição de fotografias de Lisboa, um artigo sobre o monumento a Afonso de Albuquerque, do Sr. Dr. Nunes Costa, e outro do Sr. Ferreira de Andrade sobre a evolução de Lisboa durante os séculos XVI e XVII e ainda a secção a Feira da Ladra, com uma interessante nótula do Sr. Matos Sequeira.

Por último assinalamos a inserção da habitual secção de notícias da actividade cultural dos «Amigos de Lisboa», em Julho e Agosto, abrangendo valiosas exposições e conferências e ainda três passeios,

que além do aspecto de diversão, possuíam principalmente um carácter cultural, quer pelo interesse dos monumentos visitados, quer pelas palestras neles proferidos.

Tipos Populares do Bairro Alto «O Cinco Reis»

OUTRORA, abundaram por estes sítios, típicos moços de fretes, que, fazendo durante longos anos a sua tradicional *Esquina* em vários arruamentos, conseguiam arranjar pecúlio suficiente para descansarem a velhice na ridente Galiza donde quase todos eram oriundos.

Tinham hábitos e características sempre diferentes; alguns tinham mesmo excentricidades que andam relatadas nos livros de escritores consagrados e no reportório anedótico de obras humorísticas.

Eu, despretencioso escrevinhador não resisto à tentação de fornecer alguns dados biográficos, à cerca de um desses tipos curiosos que vão rareando, não só neste antigo bairro como em todas as esquinas da velha Lisboa.

Era deveras invulgar um moço de fretes que eu conheci, e durante alguns anos fez (como é normal dizer) a *Esquina* da Rua Barroca para a Travessa do Poço da Cidade.

De estatura meã, franzino, aparência débil, todos notavam na sua figura, um «Cinco Reis de Gente» e assim era justamente alcunhado «O Cinco Reis». Nunca lhe soube o nome próprio e julgo que poucas pessoas o souberam. Quando necessitavam dos seus serviços era certo todos o tratarem pela alcunha, que afinal não lhe proveio de ele ser uma fraca figura mas sim de um estribilho que o popularizou e habitualmente empregava. Quando se falava de qualquer assunto que lhe acarretasse despesa era sabida a resposta: *Com ixo nem cinco reis.*

Durante os largos anos que o vimos por este burgo, sempre lhe conhecemos a mesma vestimenta muito pespontada nos sítios em que se ia desfiando, porém sempre num irrepreensível asseio. Sempre que alguém reparava no seu traje pobrete e lhe argumentava: — Com o dinheiro que vais angariando por que não compras uma *farpela* mesmo usada que seja? — dava resposta pronta: — *Com ixo nem zinco reis.*

Arrastava por vezes uma perna devido a sofrer de reumatismo, e se alguém o aconselhava a comprar uma fricção que lhe desse alívios, vinha logo a réplica *com ixo nem zinco reis.* Andava quase sempre de farto lenço de ramagens segurando os queixos, atado com um nózinho, fazendo duas pontas no alto da cabeça (ocasionando-lhe um rosto muito cómico) porque trazia amiudadas vezes as bochechas algo inchadas devido ao seu padecimento dos dentes, dentes que tirava a si próprio, usando o sistema muito primitivo de atar um cordel ao nervo dorido sendo de seguida arrancado de esticção, para poupar todos os cinco reis, como dizia. Depois de feita a operação, sentado nas cordas que ele pendurava num prego enorme espetado na esquina, era curioso vê-lo a fazer grandes esgares, torcendo-se com as dores e gemendo melancolicamente. Certo dia em que por mandado de minha família o fui procurar para um serviço, encontrei-o numa «casa de malta» que existiu ao cimo da Rua da Rosa, onde hoje é um armazém de tintas. Nesse casarão dormiam, aguadeiros, moços das casas da bomba, de fretes, e outros vários *cidadãos de Tuy.* Deitado numa das muitas enxergas que por ali se viam estava o pobre do homenzinho muito adocentado, quase sem dar acordo de si. Condoído do estado em que o via, disse-lhe: — Você a sofrer dessa maneira, porque não vai a um médico para se tratar? — Ouvindo este meu bom

conselho levanta-se de rompante, irado, sacode-me por um braço e responde colérico: — *Com ixo nem zinco reis.*

Para se apreciar o seu temperamento de *sovina* vale a pena contar o seguinte episódio que tive ocasião de presenciar, por ter sido passado com o dono da loja onde eu nesse tempo estava empregado. O meu Mestre (Sr. Antunes), necessitando de um moço para levar um lanternão à Rua da Junqueira, ao palacete que nesse tempo era propriedade e moradia do Sr. Visconde do Marco, contratou com o «Cinco Reis» a maneira de conduzir a encomenda ao seu destino, e concordaram que além de lhe pagar o frete entregava determinada quantia para vir no eléctrico, pois que a caminhada era longa demais para ser percorrida a pé na ida e na volta; mas, o excêntrico moço por espírito de economia resolve fazer a vinda a pé, tal como tinha sido na ida. Era no pino do verão e como os pés lhe escaldassem, a certa altura do percurso resolve tirar os *butes* que nesse tempo eram muito usuais, e fazer o resto do trajecto a pé descalço. Como nesse dia estava em maré de pouca sorte sucedeu-lhe uma fatalidade, feriu um calcanhar por ter pisado um pedaço de vidro que estava numa valeta. Muito contrariado recorreu a uma farmácia para lhe fazerem um penso, que teve de pagar, pedindo para lhe passarem um recibo selado de quanto tinha gasto com o tratamento. Ao fim da tarde grande foi a surpresa do Mestre Antunes, quando vê entrar pelo estabelecimento o «Cinco Reis» a coxear e a exigir o pagamento da despeza que tinha feito, alegando ter sido aleijado em serviço da casa.

Este tipo popular ao fim de uns determinados anos de permanência neste bairro dava uma volta pelos seus freguezes habituais apresentando despedidas, para ir à terra matar as saudades que tinha da família, até que de uma vez, já idoso,

foi, e não tornou a voltar, de certo por ter amealhado o suficiente pecúlio para viver descansado os últimos anos da sua vida.

Estes factos passaram-se no tempo em era importante amealhar moedas de cinco reis.

TEODORO LOPES RAMOS

Perry Vidal

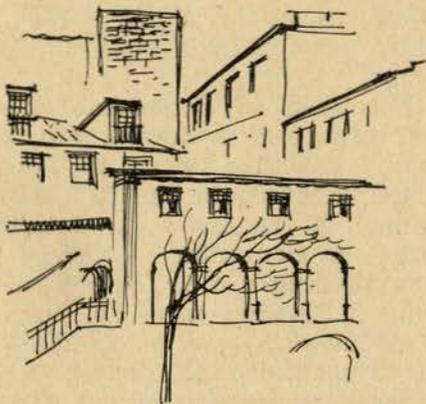
PASSOU há pouco o primeiro aniversário do falecimento do saudoso olisipógrafo Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal, que foi nosso prestimoso consócio e assíduo colaborador deste Boletim.

Seus filhos, herdeiros de princípios fidalgos, comemoraram aquele doloroso aniversário por uma forma superiormente enternecedora e digna de menção.

Promoveram em sua própria casa — na biblioteca — a exposição do que dizia pessoalmente respeito ao Pai: as suas primeiras provas literárias, recordações escolares e universitárias, diplomas e condecorações, fotografias, livros e manuscritos, recortes de jornais, cartas régias, os seus objectos de uso pessoal, etc.

Não teve esta exposição qualquer repercussão na imprensa, mas os Amigos de Lisboa, que foram convidados a visitá-la, não podem eximir-se a que fique registada neste Boletim uma palavra de encomio para com os nobres sentimentos de amor filial de três jovens.

Com actos destes, não pode dizer-se que a mocidade de hoje ande transviada. Pelo contrário, trata-se de um gesto que se impõe à consideração geral e é um alto exemplo.



ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

No último trimestre o nosso Grupo tomou posição, como lhe competia, nas comemorações do Centenário de Almeida Garrett, com a realização na nossa sede de uma conferência pelo nosso consócio o Prof. Francisco de Assis de Oliveira Martins, intitulada «O Romance de Garrett nesta Lisboa», conferência a que presidiu o Secretário Nacional de Informação, também nosso consócio, Sr. Dr. José Manuel da Costa, e a que se seguiu uma exposição de curiosidades garrettianas, entre as quais avultou a das fotografias do nosso consócio Sr. Eduardo Portugal, referentes às casas onde, em Lisboa, viveu Almeida Garrett; assunto aliás, já tratado no Grupo e publicado no nosso OLISIPO pelo falecido consócio Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima.

A pedido da Comissão do Centenário de Almeida Garrett e do SNI, organizou o Grupo a Romagem das «Viagens na Minha Terra», romagem que se efectuou em 18 de Novembro do ano findo e que resultou um brilhante acontecimento, conforme o demonstram a crítica que, a seguir, se transcreve, as fotografias que ilustram estas páginas, e como, em Santarém, o afirmou na reunião pública da respectiva Câmara Municipal o Sr. Secretário Nacional de Informação, declarando que tal Romagem só foi possível dada a interferência dos serviços do nosso Grupo, como aliás o mesmo Senhor o referiu no officio que, a propósito, nos dirigiu.

Segue a transcrição da reportagem:

Por iniciativa do Grupo dos Amigos de Lisboa e de acordo com a Comissão Nacional das Comemorações Centenárias da Morte de Almeida Garrett e do S. N. I., realizou-se ontem a romagem evocativa das «Viagens da Minha Terra», percorrendo-se o itinerário descrito pelo grande escritor. Os romeiros — mais de 250 — entre os quais os srs. drs. José Manuel da Costa, secretário nacional da Informação; visconde de Almeida Garrett, representante da família Almeida Garrett, e profs. drs. Joaquim Fontes e Raul de Carvalho, dr. Eduardo Neves, Hugo Raposo,

José Francisco de Oliveira e Teodoro Lopes Ramos, directores do Grupo Amigos de Lisboa, saíram dos Restauradores, cerca das 10 horas em seis autocarros e vários automóveis, a caminho de Santarém, sob a direcção do sr. José Seisal.

Para esclarecimento dos romeiros, o sr. capitão Júlio da Costa Pinto redigiu algumas legendas que locutores liam nas viaturas à medida que se atravessavam os locais mencionados nas «Viagens da Minha Terra». Passou-se em Vila Nova da Rainha, que não mereceu a simpatia do poeta, e atravessou-se Azambuja, «pequena mas não triste povoação... que dá início de estarmos nas férteis margens do Nilo português». Depois, Cartaxo, onde Garrett passou a cavalo «por entre os viçosos pâmpanos que são a glória e a beleza do Cartaxo».

Os pâmpanos, agora, neste fim de Outono plúmbeo e chuvoso, têm a cor velha da ferrugem e estão a ser amputados pelas tesouras sôfregas dos pedadores, mas os romeiros, vivendo a beleza da descrição garrettiana, não devem ter reparado neste pormenor agronómico. E chegou-se ao Vale de Santarém, «um dos mais lindos e deliciosos sítios da terra, pátria de rouxinóis e madressilvas; cinta de faias belas e de loureiros viçosos». E acrescentava Garrett: «Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do Ocidente, senão a nossa terra».

Ali estavam a aguardar a caravana os srs. drs. Abílio Tavares e Jacob Pinto Correia, respectivamente, governador civil e presidente da Câmara Municipal de Santarém. Os romeiros encaminharam-se para a quinta que a Garrett deu ensejo de escrever algumas das mais belas páginas da nossa literatura. Lá estão, ainda, as faias, os loureiros e os álamos, mais envelhecidos do que no tempo do poeta, e as trepadeiras de caules nodosos a envolverem atrevidamente a casa, a franjarem os telhados e a invadirem balcões e janelas. Do meio desta opulência vegetal, verde, fresca e triste, surgiram os donos da casa da Joaninha — a dos Olhos Verdes — o sr. eng. Carlos Augusto Rebelo da Silva e sua esposa, a sr.^a D. Maria Henriqueta Rebelo da Silva.

E quando os donos da residência obsequiavam os visitantes e estes se dispunham pela quinta, procurando reviver aquilo que Garrett lhes contara, eis que assomou à Varanda dos Rouxinóis a Joaninha. O primeiro momento foi de surpresa, pois era tal qual a Joaninha, vestida com os ataviados que o poeta descreveu. Apenas os olhos a atraíam — eram azuis. Formosura, graciosidade, discrição, nas atitudes — certíssimas. E deu azo esta aparição inesperada e gentil a uma calorosa salva de palmas à menina que, um século decorrido, personificava a imaginária e galante Joaninha. Era a filha dos donos da casa, menina Maria Luísa Rebelo da Silva.

Da escadaria, o sr. Costa Pinto leu trechos de Garrett acerca de Joaninha e o sr. eng. Rebelo da Silva manifestou o seu contentamento por receber tão ilustres visitantes, lamentando que as vicissitudes da vida não permitissem acolhê-los tão hospitaleiramente como seu bisavô, o historiador Luís Rebelo da Silva, recebeu Almeida Garrett. Aludiu às modificações que sofreu a casa e, referindo-se à figura de Joaninha, sobre cuja existência há dúvidas, afirmou que há uma figura do episódio descrito por Almeida Garrett que é possível tenha existido inspirado por uma personagem real: a avó. «Ouvi sempre dizer a meu tio Luís António, o filho primogénito do escritor Luís Augusto Rebelo da Silva, ter existido uma velha criada de meu bisavô, por alcunha a «Cocó», que passava a vida a fiar. Terá sido essa figura quem inspirou Garrett? Deus sabe! Eu limito-me a citar o facto». Focou o papel que aquela casa representou no terceiro quartel do século XIX, uma nova Arcádia onde os melhores valores da época se juntavam e conversavam como bons amigos, e terminou agradecendo a visita.

A família Rebelo da Silva ofereceu um copo-d'água, durante o qual se trocaram brindes. O sr. dr. José Manuel da Costa, em nome do presidente da comissão do centenário, agradeceu a fidalga recepção e lembrou que daquela casa tinham saído as páginas mais brilhantes de literatura de viagens. Louvou os donos da casa e fez votos por que seus filhos continuassem a tradição da família.

Em seguida, na adega do lavrador sr. José Lico, que se encontrava ornamentada com mantas, foi servido um almoço, que teve a abrilhatá-lo um acor-deonista.

Em Santarém

À porta do Governo Civil, os romeiros foram aguardados pelos bombeiros e respectiva banda. Na sala de sessões da Junta de Província, realizou-se a sessão de boas-vindas do Município, cuja sala era exígua para receber tão elevado número de pessoas. Presentes os organismos locais, com os seus estandartes.

Presidiu o sr. dr. José Manuel da Costa. O sr. dr. Jacob Pinto Correia, em nome da Câmara, saudou os visitantes e evocou a figura de Garrett e quanto



Os Romeiros na Quinta do Vale de Santarém, que deu tema para algumas das melhores páginas das "Viagens na Minha Terra".

lhe devia o Ribatejo, especialmente Santarém. Terminou por saudar o sr. dr. José Manuel da Costa e agradecer a todos a visita.

O sr. Secretário Nacional da Informação manifestou agradecimento pelo acolhimento simpático e fidalgo que a todos foi dispensado no Vale de Santarém e elogiou o Grupo de Amigos de Lisboa pela iniciativa da romagem. Fez votos por que, um dia, Lisboa pudesse receber, com o mesmo entusiasmo, o Grupo Amigos de Santarém.

Terminada a sessão, o sr. dr. José Manuel da Costa, acompanhado dos srs. drs. Artur Proença Duarte e Ginestal Machado, visitou a sede do Círculo Cultural Scalabitano, promotor da homenagem a Almeida Garrett; e, depois, o quarto onde o poeta se alojou a primeira vez que esteve na capital do Ribatejo a convite do grande tribuno Passos Manuel; e as igrejas do Santo Milagre e de

Santo Estêvão e outros lugares históricos. Como Garrett tivesse sido despertado pelo sino da Alcáçova, este repicou, ontem, em lembrança do facto.

À noite, no ginásio do seminário, foi servido o jantar e, pouco depois, no Teatro Rosa Damasceno, efectuou-se o sarau garrettiano, a cargo do Círculo Cultural Scalabitano.

A festa abriu com uma palestra pelo sr. prof. dr. Manuel Lopes de Almeida, que começou por assinalar o que na obra de Garrett tem valor intemporal e permanente e que faz dela um marco na renovação literária dos princípios do século XIX e estudou, depois, a formação literária do escritor, personalidade dotada de capacidades excepcionais, mas à qual o estudo e a aplicação diuturna deram possibilidades de se afirmar nos mais diversos géneros literários. Analisou, em breves palavras, as suas concepções políticas e disse que desde os dias do Padre António Vieira nunca a tribuna portuguesa alcançara mais eloquente e emocional expressão do que na voz de Garrett.



A "Joaninha dos Olhos Verdes" ressuscitada, saudando os Romeiros, na celebrada "Varanda dos Rouxinóis".

Examinadas ideológica e literariamente as «Viagens na Minha Terra», livro sem par na história das letras portuguesas, onde ao mais doce lirismo e sentimento idílico se justapõe o romance, conto ou canto, de todo o ponto misterioso, segundo o próprio conceito de Garrett, o orador considerou as viagens como iniciação num género literário inteiramente novo, simbólico e que o próprio autor afirmou tinha por inacabado, incompleto, porque no seu pensamento estava prossegui-lo e dotar as letras portuguesas com outro livro no género. Marcando a influência das viagens na literatura de Portugal e Brasil, terminou por acentuar a actualidade de Garrett, escritor de obras poéticas, dramáticas e de ficção, concedendo um lugar de grande relevo aos seus discursos parlamentares.

Depois, o sr. Joaquim Campos leu algumas páginas das «Viagens na Minha Terra», seguindo-se as representações da peça «O Poeta e a Saudade», de D. João da Câmara, e de três episódios do «Alfageme de Satarém».

A 22 de Novembro visitamos a Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves, em visita dirigida pelo Prof. Sr. Henrique Santos e onde gentilmente fomos recebidos.

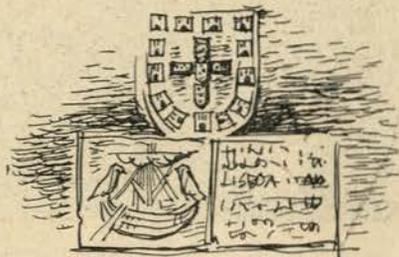
Em 9 e 11 de Novembro realizaram-se as visitas de estudo ao Museu Geológico onde o seu Director o Ex.^{mo} Sr. Eng. D. António Castelo Branco e os Srs. Eng. Fernando Moitinho de Almeida e geólogo Georges Zbyszewsky, nos receberam com requintes de amabilidade e gentileza.

Estas visitas deixaram nos numerosos consócios que a elas assistiram as melhores impressões e foram de uma utilidade cultural.

Em virtude da doença da Sr.^a D. Maria Portugal, não se realizou a Exposição de Cerâmica Olisiponense da Fábrica Batistini.

De 18 a 31 de Dezembro, esteve aberta na nossa sede a Exposição de Ex-Libris olisiponenses que realizamos de colaboração com a nossa consócia a «Academia Portuguesa de Ex-Libris» que teve farta concorrência, reunindo cerca de 200 exemplares e de que se publicou um catálogo.

E. N.



ACÇÃO CULTURAL

durante o ano de 1954

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

- 10 - Às instalações da *Manutenção Militar* dirigida pelo Sr. Capitão Sousa, daquele Estabelecimento do Estado.
- 20 - À *Escola de Artes Decorativas António Arroio*, dirigida pelo seu Director o Pintor de Arte Sr. Prof. Lino Antonio.

Fevereiro

- 14 - Ao edifício do antigo *Convento da Madre de Deus*, dirigida pelo Sr. Mário Sampaio Ribeiro.
- 28 - Ao antigo *Convento da Encarnação*, dirigida pelo Sr. Dr. José Pinto de Moraes da Cruz Aguiar.

Março

- 28 - Ao *Liceu Nacional de Oeiras*, dirigida pelo seu Reitor Sr. Prof. Dr. João Mexia de Brito.

Abril

- 4 - Às instalações do novo *Matadouro Municipal*, nos Olivais, dirigida pelo Sr. Dr. Filipe Morgado Romeiras.
- 11 - À *Mãe de Água e Aqueduto das Águas Livres*, dirigida pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.

Maiο

- 9 - A *Vila Viçosa* com o patrocínio da Fundação da Casa de Bragança, dirigida pelo Sr. Dr. José de Figueiredo, Conservador do Palácio Ducal.

Junho

- 11 - À *Fábrica de Cervejas Estrela*, dirigida pelos Srs. Prof. Raul de Carvalho e drs. Gerard Eisen e Michel.
- 27 - Ao Asilo *A Caridade*, dirigida pelo Sr. Dr. Rosado Fernandes.

Julho

- 11 - À *Cerca dos Jerónimos e Ermidas de S. Jerónimo e de Santo Cristo*, dirigida pela Sr.^a D. Julieta Ferrão.
18 - À *Base Aérea da Ota, Alenquer e arredores*, dirigida pelo Sr. Dr. Luciano Ribeiro.

Agosto

- 1 - À *Quinta do Pizão*, do Albergue de Mendicidade (Mitra), dirigida pelo Sr. Capitão Godinho, Director do Albergue.

Novembro

- 28 - À *Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves*, dirigida pelo Sr. Prof. Henrique dos Santos.

Dezembro

- 9 e 10 - Ao *Museu Geológico*, dirigida pelos Srs. Engs. D. António Castelo Branco, Director do Museu, Fernando Moitinho de Almeida e Geologo Georges Zbyszeusky.

CONFERÊNCIAS

Janeiro

- 22 - *S. Vicente na tradição e no culto litúrgico* pelo Sr. Padre José Correia da Cunha.

Março

- 18 - *Pina Manique «Amigo de Lisboa»*, pelo Sr. Prof. Francisco de Oliveira Martins.

Maio

- 29 - *Conferência crítica sobre a Exposição Bibliográfica «Amigos de Lisboa»*, pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.

Agosto

- 13 - *Lisboetas na Índia e Indianos em Lisboa*, pelo Sr. Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves.

Novembro

- 25 - *Almeida Garrett e a cidade de Lisboa*, pelo Sr. Prof. Francisco de Oliveira Martins.

EXPOSIÇÕES

Março

- 23 a 30 - *Exposição de Miniaturas Olisiponenses*, da colecção Alfredo Keil, organizada pela Sr.^a D. Guida Keil.

Maio

23 a 30 - *Exposição Bibliográfica «Amigos de Lisboa»*, em comemoração do 18.º aniversário do Grupo.

Julho

17 a 31 - *Exposição das maquetes e estátua Alegoria à cidade de Lisboa*, da autoria do escultor Sr. Fernando Louro de Almeida.

Novembro

25 a 30 - *Exposição de fotografias das Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett* e outras curiosidades garrettianas, organizada pelo Sr. Eduardo Portugal.

Dezembro

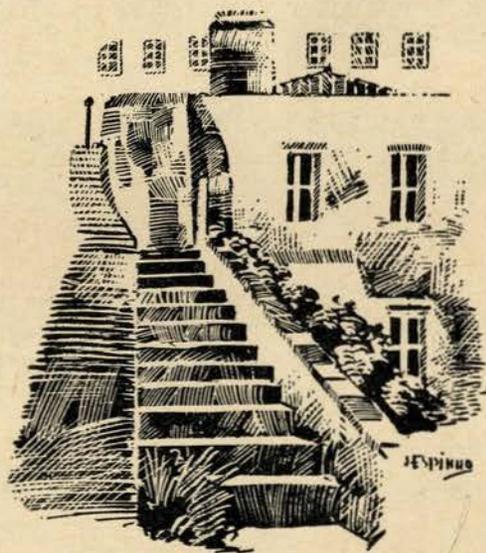
18 a 30 - *Exposição de Ex-Libris Olisiponenses*, organizada de colaboração com a Academia Portuguesa de Ex-Libris.

ROMAGENS

Novembro

28 - *Romagem a Santarém evocativa das Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, organizada a pedido da Comissão do Centenário de Almeida Garrett e do Secretariado Nacional de Informação, dirigida pelo Sr. Capitão Júlio da Costa Pinto.





*Cerca de D. Fernando — Escadaria do "Mirante"
no jardim antigo do Palácio Almada, em
S. Domingos, hoje Palácio da Independência*

OURO, PRATA E JOIAS
BARATISSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 28503 - LISBOA

P A P E L A R I A
CARLOS

CARLOS FERREIRA, LDA.

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 0 2 4 4
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

Pedro d'Oliveira Telhado & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 81 - 2.^o

LISBOA

Telef. 25931 · Teleg. KNOBLOK

Exportadores de Tecidos para as Colónias

Fornecedores das Entidades Oficiais

CASA DOS PNEUS

PNEUMÁTICOS E CÂMARAS D'AR IMPORTANTE SECÇÃO DE
PARA AUTOMÓVEL E CAMION ARTIGOS DE BORRACHA
ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS ALMOFADAS E COLCHÕES
RECAUCHUTAGEM · RECHAPAGEM EM ESPUMA DE BORRACHA

126, RUA DA PRATA, 132

Telef. 2 16 45

MÉTODO CALIGRÁFICO

por PINTO DE MESQUITA, professor jubilado

Acaba de sair a 7.^a edição. O mais completo de todos os métodos. Um volume com 110 modelos, 17\$50. Do mesmo autor: Cadernos com Pautas Caligráficas, adoptadas ao método, riscado especial para Letra Inglesa — Cursivo, Cursivinho, Bastardo, — Bastardinho — cada 3\$00. RESUMO de Taquigrafia Comercial, 2.^a edição, com mapas geométricos representativos da formação dos signos (letras e sons), 10\$00. Premiados com as medalhas de prata e bronze nas Exposições do Rio de Janeiro. 1908-1922. PEDIDOS À

LIVRARIA ALBANO DE SOUSA & BARBOSA, LDA.
Largo Martim Moniz, 2.º Pavilhão (Ourivesarias), Loja n.º 2 — Telef. 3 14 56 — LISBOA

FRIGORÍFICOS DOMÉSTICOS

a electricidade, gás ou petróleo

ASPIRADORES

domésticos e industriais

ENCERADORAS

eléctricas e outras

MAQUINAS DE COZINHA

domésticas

MAQUINAS DE LAVAR

domésticas e industriais

A marca mundial



SEDE E EXPOSIÇÃO
Rua Pascoal de Melo, 7
Tels. 5 61 15/4 linhas

EXPOSIÇÃO
R. 1.º de Dezembro, 120-B
Tel. 2 82 46

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

LISBOA

Carga e Expediente:

LISBOA – Rua do Comércio, 39 PORTO – Rua Sá da Bandeira, 82
 Telef. 263 14/5 Telef. 273 63

Frota

	TON.		TON.		TON.
n/m «África Ocidental»	1.560	n/m «Arroios»	9.558	n/m «Covilhã»	1.376
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Belas»	7.259	n/v «Cunene»	9.800
n/v «Alcoutim»	10.520	n/m «Borba»	7.259	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Braga»	7.224	n/v «Inhambane»	9.619
n/m «Alexandre Silva»	3.215	n/m «Bragança»	7.224	n/v «Luso»	10.125
n/m «Alferrarede»	2.118	n/m «Cartaxo»	1.376	n/m «Manuel Alfredo»	3.600
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Colares»	1.376	n/v «Maria Amélia»	3.005
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/v «Mello»	6.253
n/m «Almante»	12.600	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Mirandela»	8.280
n/m «Abrizete»	9.245	n/v «Costeiro»	900	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Ana Mafalda»	3.643	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426	n/m «São Macário»	1.221
n/m «Andulo»	9.245			n/v «Saudades»	6.430
n/m «António Carlos»	2.974			n/v «Zé Manel»	1.240

Total 201.982 Ton.

7 Reboadores
 5 Lanchas a Motor
 33 Batelões
 25 Fragatas
 1 Barca de Água
 1 Draga e 5 Batelões de dragadas

Em construção nos Estaleiros da C. U. F.

4 navios motores para serviço costeiro de 800 T. com motores de 650 HP.
 2 navios para o serviço de cabotagem em Cabo Verde e para transporte de passageiros de 320 T. e 500 HP.

CARREIRAS REGULARES:

NORTE DA EUROPA / S. TOMÉ E PRÍNCIPE, MATADI E ANGOLA.
 METRÓPOLE / S. TOMÉ E PRÍNCIPE E ANGOLA. METRÓPOLE / CABO VERDE E GUINÉ. ANVERS / PORTUGAL

SERVIÇO PERMANENTE:

TRANSPORTE DE FOSFATOS DO NORTE DE ÁFRICA E PIRITES DO POMARÃO

TRAMPING – CONSIGNAÇÕES – TRÂNSITOS
 SERVIÇO DE REBOQUES FLUVIAIS E DO ALTO MAR
 LANCHAS – FRAGATAS – BATELÕES

A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal e nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa

Companhia de Diamantes
de
ANGOLA
(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 179.300.000\$00

•

Pesquisa e extração de diamantes
na
PROVÍNCIA DE ANGOLA
em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º - Teleg. DIAMANG

Presidente do
Conselho de Administração
Cor. António Lopes Mateus

Vice-Presidente
Banco Burnay

Presidente dos
Grupos Estrangeiros
Mr. Firmin Van Brée
Administrador-Delegado
Com. Ernesto de Vilhena

•

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA
Director-Geral
Eng. Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA
Representante interino
Dr. Silvío Guimarães



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

FIEL ÀS SUAS TRADIÇÕES DE BEM-SERVI-
R, C.R.G.E.
PÔE OS SEUS SERVIÇOS DE
CONTACTO COM O PÚBLICO

AO ALCANCE DA MÃO



NA RUA VITOR CORDON, 47 e
NA RUA DO CRUCIFIXO, 57



TEL.: 20011

- ESCRITÓRIOS E EXPEDIENTE



NA RUA DO CRUCIFIXO, 57



TEL.: 20022

- RECLAMAÇÕES E INFORMAÇÕES SOBRE:
Faltas de corrente
Faltas ou fugas de gás
Contratos para fornecimento de gás e de
electricidade
Leituras normais, especiais e extraordiná-
rias
Cobranças
Facturação
- VENDA DE COQUE E OUTROS SUBPRO-
DUTOS DO GÁS
- PEDIDO DE VISITA POR AGENTES TEC-
NICOS DE ENGENHARIA (INSPECTORES
DE CLIENTELA) PARA ESCLARECIMENTOS
VÁRIOS A PRESTAR NO DOMICÍ-
LIO.



TEL.: 20011

- VENDA DE APARELHOS
Contratos de venda com facilidades de
pagamento.



TEL.: 22011

Visitas de Agentes de Venda de toda a
aparelhagem, em casa dos clientes.



NA RUA DA BOA VISTA, 27/39



TEL.: 20011

- INFORMAÇÕES TÉCNICAS
Electricidade — normas de instalações.
- GÁS INDUSTRIAL
Grandes cozinhas, Fornos, Lavandarias, etc.
Aquecimento central.
- SALÃO DE VENDAS
Aparelhos a gás e a electricidade.



NA RUA GARRETT, 2



TEL.: 20011

TEL.: 30913

- SALÃO DE VENDAS
Aparelhos a gás e a electricidade e «Centro
de Demonstrações» de aparelhos domés-
ticos.



NA RUA NOVA DO ALMADA, 102



TEL.: 20011

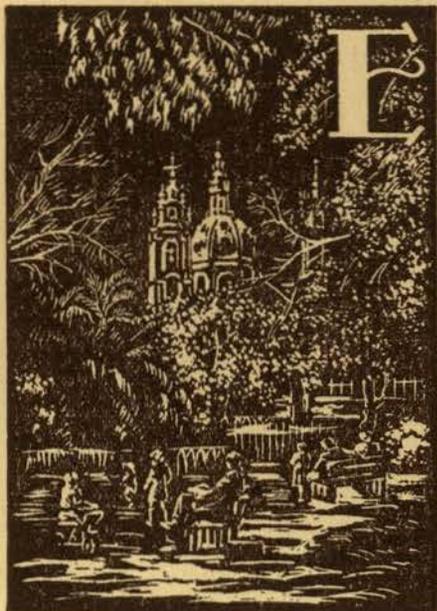
- TÉCNICOS DE PROPAGANDA
Experiências e demonstrações de toda a
aparelhagem.



TEL.: 23997

Luminotecnia

**COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
LISBOA**



ESTRELA



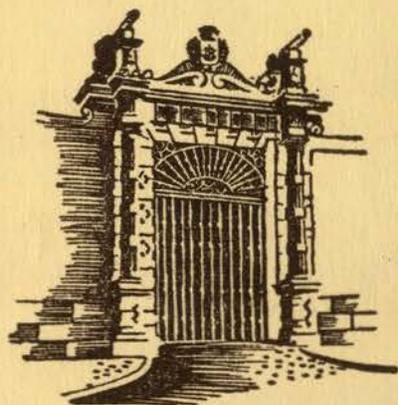
bairro da Estrela, numa das colinas de Lisboa, tem um certo ar de mundo à parte, com fronteiras bem definidas dos outros bairros que o rodeiam.

Dir-se-ia um oásis de socego, nesta cidade alegre e buliçosa, que todos os dias cresce, sem pedir licença a ninguém.

O seu maravilhoso jardim, o de Guerra Junqueiro, a que o povo, teimosamente, continua a chamar Jardim da Estrela, é um verdadeiro paraíso, onde não faltam árvores, flores, grutas, lagos e recantos para repouso do corpo e do espírito.

A Basílica da Estrela — com o seu alto zimbório, onde se pode subir para admirar um vastíssimo panorama de Lisboa, e um presépio monumental com encantadoras figurinhas esculpidas por Machado de Castro — é outro motivo que classifica este bairro como um dos mais interessantes da capital. Percorrê-lo, lentamente, é um delicioso passeio que sinceramente recomendamos a quem deseje conhecer esta cidade num dos seus aspectos mais socegados e tranquilos.

Servem este bairro os «eléctricos» das carreiros 25, 26 e 28; e os autocarros das carreiras 9, 13 e 22.



TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL